

RELAÇÃO ENTRE MEDO ODONTOLÓGICO E DOR DENTÁRIA EM UNIVERSITÁRIOS DO SUL DO BRASIL

AMANDA TONETA PRUX¹; HELENA SILVEIRA SHCUCH²; MARIANA
GONZALEZ CADEMARTORI³; MARCOS BRITTO CORREA⁴; FLÁVIO
FERNANDO DEMARCO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – amandatoneta@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – helenasschuch@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marianacademartori@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – marcosbrittocorrea@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – ffdemarco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Apesar de uma maior conscientização dos cirurgiões-dentistas sobre a importância da construção de relações de confiança e das reduções na dor associadas às consultas odontológicas, o medo odontológico ainda aparece como uma questão a ser enfrentada por esses profissionais e seus pacientes. (SMITH; HEATON, 2003). O medo odontológico, na pessoa adulta, geralmente está associado a uma experiência negativa ou uma primeira consulta odontológica inadequada durante a infância. (SILVEIRA et al., 2017).

A partir disso, o paciente acaba por desencadear um ciclo vicioso de negligência quanto à visita ao cirurgião-dentista, uma vez que as consultas a este profissional deixam de acontecer, em função do medo odontológico. Isso gera patologias bucais mais graves e, conseqüentemente, procedimentos odontológicos mais invasivos, que geram maior desconforto ou dor ao paciente. De acordo com ARMFIELD; STEWART; SPENCER (2007), esse processo é chamado de “ciclo do medo” e torna evidente o crescimento do medo pré-existente, devido à procura do atendimento pelo paciente somente ocorrer em situações extremas de dor dentária, quando sua patologia já está associada a uma enfermidade mais severa.

O medo odontológico ainda é um problema altamente prevalente, afetando cerca de 32% dos universitários, o que torna necessário saber quais são os fatores correlacionados a este problema. (AL-OMARI; AL-OMIRI, 2009). Existe evidência da relação entre o medo odontológico e a dor dentária, com estudos demonstrando que o medo odontológico leva à deterioração severa da saúde bucal, afetando tanto a qualidade de vida relacionada à saúde bucal quanto a saúde sistêmica. (KANKAANPÄÄ et al., 2018).

Uma vez que o ciclo do medo teoriza que o medo odontológico e a dor dentária estejam associados, o objetivo do estudo foi avaliar a relação entre medo odontológico e dor dentária em universitários do sul do Brasil, mais especificamente de alunos ingressantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no ano de 2016.

2. METODOLOGIA

Um estudo transversal descritivo foi realizado com os dados de uma coorte prospectiva de universitários ingressantes na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no ano de 2016. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina/UFPEL sob o parecer CAAE 49449415.2.0000.5317. Os dados foram coletados por meio de dois questionários auto administrados. A sua aplicação ocorreu nas salas de aula, com autorização prévia do colegiado do respectivo curso e do professor responsável

pela disciplina ministrada. Os alunos foram convidados a participar do estudo e a assinarem um termo de consentimento livre e esclarecido. Foram incluídos na amostra alunos ingressantes no primeiro semestre do ano de 2016 na UFPEL. Foram excluídos da amostra alunos impossibilitados de realizarem o autopreenchimento do questionário, alunos ingressantes em outro ano letivo e alunos especiais.

A presença ou ausência do medo odontológico foi reportada por meio da pergunta: “Você tem/teria medo de ir ao dentista?”, tendo como opções de resposta “Não”, “Um pouco”, “Sim” ou “Sim, muito”. Para fins analíticos a variável foi dicotomizada em “Não” e “Um pouco/Sim/Sim, muito”. A presença de dor dentária nos últimos 6 meses foi avaliada através da pergunta: “Nos últimos 6 meses você sentiu dor de dente?”, tendo como opções de resposta “Não” e “Sim”.

O trabalho de campo foi realizado por alunos de graduação e pós-graduação do curso de Odontologia da UFPEL. Toda a equipe foi submetida a um treinamento prévio teórico de 4 horas com apresentação dos instrumentos de pesquisa, logística do estudo com discussão e esclarecimento de possíveis dúvidas. Para testar a aplicabilidade dos questionários, foi realizado um estudo piloto com 100 universitários (n=100), estudantes do segundo semestre, de 5 cursos da UFPEL selecionados aleatoriamente (Design Digital, Educação Física, Engenharia Hídrica, Geografia - Bacharelado, Matemática e Pedagogia). Após o piloto, o questionário foi ajustado para facilitar a compreensão dos participantes, e foi estimado o tempo médio de 20 minutos para o preenchimento do instrumento. O banco de dados foi desenvolvido em planilha Excel, por digitação dupla, e a análise descritiva foi realizada no programa Stata 15.0. A análise descritiva foi realizada para estimar as frequências relativas e absolutas das variáveis de interesse deste estudo. Para testar a associação das variáveis de exposição com o desfecho, o teste de Qui-quadrado de Pearson foi utilizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um total de 2265 universitários participaram do estudo, dos quais 31,1% (705 indivíduos) relataram ter sentido dor de origem dentária nos últimos 6 meses. No Brasil, a prevalência da dor dentária apontada na literatura é de cerca de 35% em adultos (ALEXANDRE et al., 2006), o que demonstra similaridade entre os achados do presente estudo.

Em torno de 1 a cada 5 participantes relatou ter medo odontológico. De maneira geral, foi possível observar uma associação entre medo odontológico e dor dentária. Entre os participantes que relataram ter dor dentária nos últimos 6 meses, 25,5% relatou a presença de medo odontológico, comparado a 19,3% do grupo que não apresentou dor. De fato, uma revisão sistêmica no assunto revelou que o medo odontológico tem um impacto consistente na dor através de todo o período do tratamento odontológico, desde a expectativa da dor, a dor sentida durante o tratamento e a dor após o tratamento odontológico. (LI; WU; YI, 2017).

Quando a associação entre dor e medo foi estratificado por sexo, a prevalência de medo odontológico foi semelhante entre os grupos de homens que relataram ou não ter sofrido de dor dentária nos últimos 6 meses. Já entre as mulheres, há evidência de tal associação. Entre mulheres com dor dentária, 31,5% relatou ter medo odontológico, enquanto 22,9% do grupo sem dor relatou este temor. Uma potencial explicação para os diferentes achados de acordo com o sexo é de que homens reportam tanto dor quanto medo com menos frequência. Acredita-se que este comportamento seja moldado socialmente ao longo da vida e reflita um estereótipo de masculinidade, que reforça a ideia de que relatar medo

ou dor é uma vulnerabilidade. (HEFT et al., 2007). Corroborando com esta teoria, um estudo epidemiológico em universitários finlandeses encontrou uma prevalência de medo odontológico muito maior entre mulheres do que entre homens. (POHJOLA et al., 2019)

A associação entre medo odontológico e dor dentária foi também avaliada entre diferentes grupos etários. O grupo de participantes com 25 anos ou mais não apresentou associação estatisticamente significativa entre medo odontológico e dor dentária. Nos grupos de pacientes mais jovens, até 18 anos de idade e entre 19 a 24 anos de idade, observou-se uma maior prevalência de medo odontológico entre pacientes que relataram dor de origem dentária. Por exemplo, entre o grupo de até 18 anos de idade, o grupo que apresentou dor dentária nos últimos 6 meses teve uma prevalência de medo odontológico de 25,6%, enquanto a prevalência de medo no grupo que não teve dor dentária foi de 15,8%.

4. CONCLUSÕES

Neste estudo, foi observada uma associação entre dor dentária e medo odontológico entre universitários do sul do Brasil. Quando a associação foi estratificada por sexo e idade, a associação foi estatisticamente significativa entre mulheres e em grupos etários mais jovens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, GC; NADANOVSKY, P; LOPES, CS; FAERSTEIN, E. Prevalence and factors associated with dental pain that prevents the performance of routine tasks by civil servants in Rio de Janeiro, Brazil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 22, n. 5, p.1073-1078, 2006.

AL-OMARI, WM; AL-OMIRI MK. Dental anxiety among university students and its correlation with their field of study. **Journal of Applied Oral Science**, v. 17, n. 3, p. 199-203, 2009.

ARMFIELD, JM; STEWART, JF; SPENCER, AJ. The vicious cycle of dental fear: exploring the interplay between oral health, service utilization and dental fear. **BMC Oral Health**, v. 7, n.1, p. 1-15, 2007.

HEFT, MW; MENG, X; BRADLEY, MM; LANG, PJ; Gender differences in reported dental fear and fear of dental pain. **Community Dent Oral Epidemiol**, v. 35, p. 421-428, 2007.

KANKAANPÄÄ, R; AUVINEN, J; RANTAVUORI, K; JOKELAINEN, J; KARPPINEN, J; LAHTI, S. Pressure pain sensitivity is associated with dental fear in adults in middle age: Findings from the Northern Finland 1966 birth cohort study. **Community Dent and Oral Epidemiol**, p. 1-8, 2018.

LIN, CS; WU,SY; YI, CA. Association between anxiety and pain in dental treatment: a systematic review and meta-analysis. **Journal of Dental Research**, V. 96, n. 02, p. 153-162, 2017.

POHJOLA, V; PUOLAKKA, A; KUNTTU, K; VIRTANEN JI. Association between dental fear, physical activity and physical and mental well-being among Finnish university student. **Acta Odontologica Scandinavica**, p. 1-7, 2019

SILVEIRA, ER; GOETTEMMS ML; DEMARCO, FF; AZEVEDO, MS. Clinical and individual variables in children's dental fear: a school-based investigation. **Brazilian Dental Journal**, v. 28, n. 3, p. 398-404, 2017.

SMITH TA; HEATON LJ. Fear of dental care: are we making any progress? **J Am Dent Assoc**, v. 134, n. 8, p.1101-110, 2003.